

**A MULHER NA BRINCADEIRA DO BOI-BUMBÁ DE PARINTINS: NO RITMO DA  
EXPLORAÇÃO E DA OPRESSÃO**

**LA MUJER EN LO JUEGO DEL BOI-BUMBÁ EN PARINTINS: EN EL RITMO DE LA  
EXPLOTACIÓN Y DE LA OPRESIÓN**

**THE WOMAN IN THE PLAY OF PARINTINS' BOI-BUMBÁ: IN THE SWING OF  
EXPLOITATION AND OPPRESSION**

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v12i1.37059>

Elizandra Garcia da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste estudo é analisar o trabalho da mulher na brincadeira do Boi-Bumbá de Parintins. O método utilizado para analisar os dados extraídos do campo foi o materialismo histórico dialético, por meio do qual evidenciamos as contradições constituintes do trabalho da mulher na brincadeira de Boi e as discutimos à luz das teorias. Na brincadeira de Boi, consideramos haver exploração e opressão da mulher como mediações próprias do modo de produção capitalista àquela realidade. Logo, urge a necessidade de superação desse modal pelo comunista, em que os sujeitos, práticos e sociais, se organizem livremente para produzir suas vidas.

**Palavras-chave:** Mulher trabalhadora; exploração; opressão; Boi-Bumbá.

**Resumen:** El objetivo del estudio es analizar el trabajo de las mujeres en el juego del Boi-Bumbá de Parantins. El método utilizado para analizar los datos extraídos del campo fue el materialismo histórico dialéctico, del cual destacamos las contradicciones que constituyen el trabajo de las mujeres en el juego de Boi y las discutimos a la luz de las teorías. Y consideramos que, en el juego del Boi, la explotación y la opresión de las mujeres son mediaciones adecuadas del modo capitalista a esa realidad. Pronto hay una urgencia de superar este modo por el comunista, donde los sujetos, prácticos y sociales organizan libremente sus vidas.

**Palabras-clave:** Mujer trabajadora; exploración; opresión; Boi-Bumbá.

**Abstract:** The purpose of this study is to analyze the women's work in the Parintins' Boi-Bumbá game. The method used to analyze the data extracted from the field is dialectical historical materialism, through which we highlighted the contradictions that constitute the women's work in Boi's game and discussed them in the light of related theories. In the game we considered that exploitation and oppression of women occur as mediations proper of the capitalist methods of production accordingly to that reality. Consequently, there is an urgent need to overcome this mode by the communist, where the subjects, practical and social, organize themselves freely to produce their own lives.

**Keywords:** Working women; exploitation; oppression; Boi-Bumbá.

### **Introdução**

O estudo da mulher e, particularmente objetivado neste escrito, o trabalho da mulher na brincadeira do Boi-Bumbá<sup>2</sup> de Parintins, pode ser abordado por variadas áreas e por diferentes recortes e matrizes teórico-metodológicas. Neste sentido, também pontuamos haver variadas formas de apreender este temário como objeto social, na realidade, com vias a lhe prestar nexos científicos, que auxiliem em sua compreensão.

No bojo desses diferentes recortes, matrizes teóricas e formas, iniciamos demarcando o princípio que perpassa este estudo: analisar as determinações referentes à mulher trabalhadora enquanto sujeito prático e social, inserida no contexto da sociedade capitalista em movimento histórico.

Ao seguirmos estes princípios, cabe registrar que refutamos tentativas de sínteses teóricas que não radiquem a exploração e opressão da mulher, em especial pelo desserviço destas formulações à compreensão da totalidade do fenômeno dessa forma de exploração e opressão. Entendemos que, alijada a compreensão das múltiplas determinações pertinentes a este fenômeno, não são possíveis sínteses do debate da exploração e opressão da mulher, que, como sujeito prático e social, é sujeito da transformação de sua condição de exploração enquanto parte da classe trabalhadora, a qual somente será possível realizar por mulheres e homens trabalhadores em conjunto. Logo, estas determinações não se encerram num problema de gênero, e sim de classe.

Partindo deste princípio, problematizamos, da realidade social, a compreensão de como tem sido o trabalho da mulher no Festival Folclórico de Parintins. Mais especificamente, nos dedicamos ao estudo das trabalhadoras que brincaram de Boi-Bumbá, desde quando o Boi era um folguedo junino, realizado nos quintais das casas e nos cortejos de rua, até a sua transformação em brincadeira que é também mercadoria, determinando a divisão do trabalho da mulher na construção e apresentação do Festival Folclórico.

Esse problema emerge da constatação, ainda que empírica, de que a forma do trabalho atualmente desempenhado pelas mulheres no Festival se difere daquele realizado no início da brincadeira de Boi-Bumbá. Radicamos esta diferenciação nas transformações ocorridas no modo de produção da vida dos parintinenses, em especial, quando a brincadeira de Boi-Bumbá é expropriada dos comunitários e transformada em mercadoria, adentrando ao próprio modo de produção.

Vale referendar ainda a importância do estudo da exploração do trabalho da mulher a partir de um referencial teórico e metodológico crítico, esforço envidado no sentido de buscar fortalecer estes pressupostos de análise e, quiçá, poder seguir adensando subsídios para posteriores leituras marxianas sobre o temário.

Ao trazer à baila estes primeiros elementos do estudo, registramos que os dados foram coletados por ocasião de estudo doutoral e por meio de entrevista de dez (10) brincantes do Boi-Bumbá Caprichoso e dez (10) brincantes do Boi-Bumbá Garantido, nascidos em diferentes décadas, entre 1920 e os anos 2000; a motivação para tanto foi a tentativa de apreender estes dados da realidade em seu

movimento histórico e social. As respostas às questões semi-estruturadas serão identificadas com a letra inicial do Boi a que pertencem: C, para o Caprichoso; e G, para o Garantido. Além disso, são enumeradas de 1 a 10. As respostas obtidas foram transcritas pelas autoras e arquivadas em fichas para o acesso.

Reafirmamos ainda os pressupostos da teoria marxiana como única capaz de emprestar os fundamentos para realizarmos a análise pretendida, a saber: a análise da exploração da mulher enquanto exploração da classe trabalhadora, inserida na totalidade da exploração capitalista, sobre a qual este sistema se produz e se reproduz.

### ***O trabalho da mulher na brincadeira de Boi-Bumbá de Parintins***

Para iniciarmos o percurso do pensamento anunciado na introdução, o qual haverá de nos encaminhar às mediações necessárias e possíveis sínteses de como a exploração do trabalho na sociedade capitalista se expressa na particularidade exploração do trabalho da mulher na produção da mercadoria Festival Folclórico de Parintins, anunciamos, previamente, que trabalharemos com duas grandes características da brincadeira.

Na primeira, os trabalhadores/brincantes produziam e fruía da brincadeira, ou seja, trabalhavam e consumiam o produto de seu trabalho, coletivamente. Já na segunda, quando é retirada a brincadeira dos trabalhadores e transformada em mercadoria, o processo de apropriação privada do produto desse trabalho é iniciado e vai se aprofundando, uma vez que ele ainda é realizado pelos trabalhadores, mas não mais consumido por eles e sim por espectadores.

No seio da própria brincadeira, o trânsito da primeira para a segunda característica se encontra marcado pela institucionalização do brincar em Festival Folclórico de Parintins. Ao inserirmos o trabalho da mulher neste contexto, consideramos pesar a exploração, desde as leis mais gerais da produção de mercadorias, e, em particular, a opressão por peculiaridades de gênero, a qual confere às mulheres trabalhadoras, na brincadeira, tarefas aceitas socialmente por sua condição de mulher. Já na produção da mercadoria Festival Folclórico, com a capilar divisão social do trabalho, a exploração e a opressão são ampliadas e aprofundadas.

Para evidenciar as contradições relativas a este fenômeno, procurar discuti-las e elaborar sínteses, buscamos os fundamentos do pensamento marxiano. Assim, rememoramos que, amparados no princípio da historicidade, Marx e Engels assentaram seus estudos sobre a economia capitalista e permitiram a superação de entendimentos anteriores, não apenas sobre o funcionamento do capital em seu estágio à época, mas também, e dialeticamente, no que se refere à compreensão ontológica dos seres humanos, adjetivados por tais autores como seres práticos e sociais, representando um marco histórico, político e filosófico determinante para o entendimento do funcionamento da sociedade do capital, para a qual é necessária a exploração e a opressão do trabalho da mulher.

Os pressupostos filosóficos que norteiam a Economia Clássica, representante do ideário burguês em consolidação na época, reduzia homens e mulheres à simples capacidade produtiva. Mas não quaisquer homens e mulheres, e sim os trabalhadores – da classe trabalhadora em formação.

Desde os Manuscritos Econômico-filosóficos, Marx (2015, p. 56) considerou que a teoria econômica capitalista reconheceu “[...] o trabalhador apenas como um animal de trabalho, como uma besta reduzida às mais estritas necessidades corporais [...]”, uma mercadoria. O autor de *O Capital* avaliou ainda, que se, neste contexto de produção capitalista, o ser humano é rebaixado à condição de mercadoria, lhe é amputada a possibilidade e o entendimento de que o trabalho se constitui como mediador universal do homem com a natureza e com os outros homens. Com a negação do pensamento econômico clássico, o autor apreendeu o trabalho como fundante do ser social, categoria instituída pelos Manuscritos, mas que viria a perpassar os estudos e formulações teóricas do pensamento marx-engelsiano.

Compartilhados, pensamento e luta, ambos camaradas envidaram esforços para entender a economia capitalista. Neste sentido, destacamos o pensamento engelsiano sobre o trabalho, presente em ‘Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem’, com a afirmação de seu caráter ontológico: “É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem. [...] Vemos, pois, que a mão não é apenas o órgão do trabalho; é também produto dele” (ENGELS, 2004, p. 04).

O modo com que esse trabalho se dá, no contexto social e a depender dele, nem sempre é o mesmo historicamente. Ao distanciar-se da lógica causa-efeito e vasculhando as múltiplas determinações deste fenômeno, Marx (2015) reivindicou como princípios organizadores do mecanismo de produção e reprodução do capital – isto é, como princípios do modo de produção capitalista, o qual é entendido como determinante das demais esferas sociais – a propriedade privada, a divisão do trabalho e a produção de mercadorias.

Grafamos estas linhas introdutórias, para, além de reafirmar pressupostos, evidenciar as contradições referentes ao objeto estudo. Ademais, o fazemos para nos avalizar a afirmar que, desde que foi iniciada a brincadeira de Boi-Bumbá na Cidade de Parintins, apesar do trabalho da mulher ter se estruturado sob os auspícios do capital, ele não se estabeleceu sempre no mesmo formato, ou em linearidade, mas obedeceu a transformações no seio do próprio modo de produção, reservadas as peculiaridades de seu desenvolvimento na realidade local.

Conforme já demarcado, as contradições desta transformação atingiram sua última forma quando da expropriação da brincadeira dos trabalhadores para sua transformação em mercadoria; o Festival Folclórico de Parintins. Como asseverou Marx (2015, p. 80), na produção mercadológica, “pela propriedade privada é possível transformar trabalho humano em capital [...]”, transformando o que lhe faria humano, em coisa, em mercadoria. Assim, seguindo o que rege a reprodução da propriedade privada, este objeto, externo ao trabalhador, é apropriado por outrem, a burguesia.

Esse movimento se deu em processo histórico, sobre o qual recorreremos à tese doutoral de Silva (2015), pois a autora buscou traduzir o entendimento das leis mais gerais da produção capitalista a esta

pequena Ilha, do interior do Estado do Amazonas. Ao beber das fontes históricas, a autora evidenciou o extrativismo, a agricultura, a pecuária e o comércio, como as principais atividades econômicas sob as quais se produziu a existência os trabalhadores parintinenses por volta das primeiras décadas do século XX.

Neste início de século, Parintins não possuía mais que 10 mil habitantes, divididos socialmente em uma pequena classe proprietária de terras e de gado, pequenos comerciantes e a classe trabalhadora, um pouco mais volumosa, que trabalhava para estes proprietários, os quais, em sua maioria, associavam o trabalho na agricultura, na pecuária e num inexpressivo comércio (SILVA, 2015).

Os trabalhadores, conforme relatos da brincante G1, moravam nas terras de seus patrões ou nas periferias da cidade. Eram explorados, homens, mulheres e crianças, sendo característico o trabalho por “empreita”, ela nos explica que a “empreita” consistia na atividade a ser realizada por determinado pagamento em dinheiro no momento da sua conclusão. Nas fazendas, as famílias eram assalariadas mensalmente. Formato parecido com os trabalhos executados por trabalhadores que eram contratados e necessitavam se deslocar para as comunidades do município, localizadas fora dos limites geográficos da Ilha, como relatou o brincante C2, com a particularidade de que, para o cumprimento desse trabalho, a família montava uma casa provisória, na qual permanecia até a conclusão da “empreita”. Segundo os relatos destas entrevistadas, a mulher era explorada pelo patrão no trabalho agrícola e em casa, ou seja, duplamente explorada, pois cabia a ela a responsabilidade de manutenção do trabalho doméstico, sem o recebimento de salário.

Já a brincante G2 justificou com a força física superior do homem a motivação de ser a pecuária majoritariamente ocupada por homens, mesmo que as famílias residissem na propriedade em que trabalhavam. Neste último caso, a mulher trabalhava no cultivo da horta, coleta de frutos e nos cuidados com a casa, sem remuneração.

Para entender esta divisão do trabalho entre homens e mulheres nos núcleos familiares, o pensamento engelsiano (2012) situou historicamente esse fenômeno junto à gênese da sociedade dividida em classes sociais, ou seja, anterior ao modo de produção capitalista. Neste modelo de acumulação privada de uma classe, a burguesa, com base na exploração do proletariado, interessa explorar o trabalho doméstico da mulher, eximindo-se de remunerá-lo com o pagamento de salário. Assim, tanto os possuidores, quanto o Estado ficam desobrigados de manter a reprodução da força de trabalho do trabalhador, aumentando seus lucros.

Constatada a dupla exploração do trabalho da mulher, e que nesta segunda exploração esse trabalho não é pago, constata-se também a expansão de acúmulo de capital. Portanto, consideramos importante evidenciar o sustentáculo deste processo: a opressão. Para além de colocar em relevo a existência da opressão da mulher, argumentamos ser essa opressão, no capitalismo, a apropriação, por parte da classe dirigente, econômica e ideologicamente, das particularidades de gênero no interior da classe trabalhadora, para justificar a existência de uma inferioridade da mulher e de sua força de trabalho, se comparada ao homem (TOLEDO, 2001).

Amparada em argumentos que reforçam esta desigualdade, a burguesia, além de submeter a mulher a trabalhar gratuitamente para manter a reprodução da força de trabalho, a inferioriza no interior do processo produtivo ao tarifar, para ela, quantitativo salarial inferior em relação ao do homem trabalhador, para a realização da mesma tarefa, contribuindo ideologicamente para um fracionamento no interior da classe trabalhadora, o que também lhe é interessante, pois minimiza a condição do homem enquanto ser prático e social e sujeito da transformação de sua própria condição enquanto classe explorada (TOLEDO, 2001).

Concerne ainda à discussão sobre as opressões, em particular a opressão da mulher, o entendimento de que, no capital, a opressão não se constitui um fenômeno autônomo, e sim, que opressão e exploração se fundem no processo de exploração do trabalho, pois são os fundamentos ideológicos sustentáculos da opressão. Assim, ao defender que a mulher possui condição inferior ao homem para realizar um mesmo trabalho, ou ao propalar que o trabalho doméstico é tarefa da mulher, permite-se, viabiliza-se e intensifica-se a exploração.

Demarcado, ainda que brevemente, os princípios norteadores do entendimento de opressão e exploração, buscamos, no pressuposto de que é o modo de produção que determina as esferas da vida humana, compreender a memória acessada do brincante C1, que afirma que nem sempre a mulher brincava de Boi como o homem brincava, justificando sua memória com a ocorrência de brigas durante o cortejo da brincadeira e com o uso de bebida alcoólica que se estendia pela noite, ou seja, se há uma desigualdade no interior do trabalho, objetivo, é aceita a desigualdade no plano da superestrutura. Neste mesmo sentido, a brincante G2 narrou várias lembranças de sua infância, com suas irmãs, em que, subvertendo a ordem estabelecida pelo pai, fugiam de casa e se misturavam à brincadeira, sem serem percebidas.

Há confluência dos relatos dos entrevistados sobre a construção da brincadeira neste início do século XX. Os seis (6) sujeitos, que memoravam este período, afirmaram que as famílias se reuniam e trabalhavam coletivamente para a construção da brincadeira. Faziam a decoração das casas, os homens montavam as fogueiras e as mulheres faziam as comidas que seriam servidas à noite, junto com um fermentado alcoólico de frutas. A brincante G2 relatou ainda que sua mãe costurava tecidos velhos e os transformava em fantasias e que se adereçavam com braçadeiras e perneiras com penas de galinhas.

À noite, os trabalhadores, ao redor da fogueira, no quintal em que seria dado o início ao folguedo, dramatizavam o enredo do desejo de Mãe “*Catirina*” – esposa de Pai Francisco, casal de trabalhadores negros da fazenda – de comer a língua do “*boi*” “[...] *Pai Francisco*, [...] fica desesperado e resolve matar o *boi* do dono da fazenda [...] *Pai Francisco*, após matar o animal, foge para o mato [...] Um dos vaqueiros da fazenda denuncia o ocorrido para o *Amo* que, revoltado, resolve ir à caça de *Pai Francisco* [...]”, que é capturado e se dispõe a “[...] chamar o *pajé* para ajudá-lo a curar o *boi*. [...]”. O *pajé* faz uma *pajelança* e ressuscita o Boi dando início à festa (BRAGA, 2002, p. 27-28- grifos do autor).

Como o modo de produção da vida estava baseado em trabalho rural, com baixo grau de divisão<sup>4</sup>, assim se dava o brincar de Boi-Bumbá, o qual era construído e brincado, de forma simples,

cooperativa e pelas próprias famílias. O trabalho de construção e a forma de brincar emanavam do próprio modo de produção, ou seja, trabalhos determinados para homens e mulheres.

Acompanhando o desenvolvimento da economia local, nos anos que se seguiram, há cada vez mais nitidez das classes sociais que a compõe. Nos cabe destacar, das memórias e registros fotográficos do brincante C5, filho de um casal da burguesia da Cidade, a afirmação de que, além desta classe ser reduzida numericamente, realizavam apenas as doações para a realização da Festa, enquanto fruía de seu lazer em atividades em Manaus, Santarém e Belém, cidades que já haviam sido palco da ascensão e queda da economia da borracha (Braga, 2002).

O desenvolvimento vai se estruturando especialmente pela expansão e diversificação das atividades econômicas, em especial, as extrativistas. Além da pesca e agricultura, passaram a existir trabalhadores no embarque e desembarque no porto e, ainda, vaqueiros de bois e búfalos, extratores de cacau, “[...] tiradores de pau-rosa, copaíba, sorva, andiroba e pataúá [...] (BENCHIMOL, 2009, p. 30). Em complemento a Benchimol, Saunier (2003, p. 173) afirma que fazia parte desse trabalho ainda a extração de: “[...] castanha, borracha fina, sernambi, caucho, caferana, cumaru [...] muirapuama, abuta, manacá, cipó, salsa, toros de itaúba, cedro<sup>5</sup> e outros, bem como as peles silvestres”, sem deixar de registrar o pirarucu como um dos primeiros produtos de exportação nessa época.

Ao final da década de 1920 e início de 1930, um grupo de trabalhadores orientais iniciaram o cultivo da juta, principiando o que viria a ser um avanço no desenvolvimento econômico de Parintins, com auge desta cultura na década de 1960 e a quase total substituição por outras atividades econômicas posteriormente:

Para o beneficiamento da juta, fiação e tecelagem, foi criada em 1932 a FABRILJUTA, na qual foram inseridas as primeiras máquinas da Região, e trabalhos em linhas de produção ainda simples. Com a inserção da fábrica na Cidade, aos poucos foi sendo transformado o trabalho, os modos de vida dos trabalhadores e seu brincar de Boi-Bumbá (SILVA, 2015, p. 36).

O crescimento econômico e demográfico<sup>6</sup> de Parintins e da Região Norte se deu especialmente nas décadas de 1960, 70 e 80, a partir da intervenção militar de desenvolvimento econômico para a Região, que, conforme os estudos de Silva e Mourão (2018), envolveu uma série de políticas e programas com o objetivo de alinhar a Região Norte com o crescimento econômico das Regiões Sul e Sudeste, nas análises de Silva (2015, p. 43):

Além do aprofundamento da exploração, o trabalho foi sendo metamorfoseado e complexificado [...] divisão social do trabalho, a implementação de linhas de produção, a inserção de máquinas, a racionalização da produção, a coleção de mercadorias disponíveis para a comercialização, as jornadas de trabalho com horários estabelecidos, locais físicos destinados a determinado trabalho, o aporte na opressão da mulher para maior exploração, dentre outras.

Essas transformações no modo de produção capitalista na Região Norte e em Parintins determinaram mudanças profundas na vida dos trabalhadores. No que se refere à brincadeira de Boi-Bumbá, iniciou-se o processo de apropriação da brincadeira e de sua expropriação da vida dos

comunitários, de sua institucionalização e produção enquanto mercadoria de lazer, por meio do Festival Folclórico de Parintins, que perpassou estas três décadas e se consolidou a partir de 1990 (SILVA, 2015).

Os entrevistados deste estudo reafirmaram as motivações do processo de institucionalização da brincadeira registrados por Braga (2002). Duas causas inseparáveis foram as principais para que um grupo de Jovens<sup>7</sup> propusesse a retirada da disputa entre os Bumbás das ruas e as levasse para o quintal da Igreja Católica: economia e ideologia.

A causa econômica era o crescimento no quantitativo de brincantes que acompanhou o crescimento da classe trabalhadora da cidade, inclusive, incorporando a categoria do funcionalismo público em formação na Ilha a partir da década de 1960. Este quantitativo seguiria construindo a brincadeira comercializada na Festa da Igreja e consumida por uma classe média e burguesa que pouco se envolvia com a brincadeira anteriormente. Já o componente ideológico reafirmava o acolhimento da Igreja aos brincantes, ao mesmo tempo em que contribuía para a redução das disputas braçais, contribuindo para a manutenção de novos costumes<sup>8</sup>, mais aproximados do estágio de crescimento econômico da região.

Neste curso do crescimento econômico local, o Boi-Bumbá deixou de ser somente de rua, em cortejo, para ser também apresentado em arena, deixou de ser apenas costume dos trabalhadores brincantes para ser assistido pelos consumidores, a competição foi trasladada da força física, para a estética presente na mercadoria, obedecendo às leis gerais da produção das mercadorias; o produto do trabalho dos trabalhadores, a brincadeira, não é mais produzida e consumida por eles como costume comunitário, mas é produzida por eles, que são também responsáveis pelo trabalho de apresentação do produto final, realizada aos consumidores, que compram a apreciação. A esse respeito, encontramos o seguinte nas análises de Marx (2005, p. 13):

A mercadoria é um objeto produzido pelo trabalho humano, que é trocado por seu produtor em vez de ser por ele consumido e que, por suas propriedades, satisfaz às necessidades humanas de qualquer natureza, diretamente como meio de subsistência ou indiretamente como meio de produção.

Em outras palavras, a mercadoria é produto do trabalho humano, em sua ação sob a natureza. No capitalismo, em que esse produtor não é o proprietário dos meios de produção, esses produtos de seu trabalho são alienados dele, destinados ao mercado para a venda – consumo – por um determinado preço.

O consumo de uma mercadoria implica que ela possua em si um valor de uso. Ao conjugar-mos esta lei da produção das mercadorias ao objeto analisado, podemos compreender que a apreciação, o brincar, o confraternizar, o festejar, o folguear, antes próprios do costume dos comunitários parintinenses na brincadeira de Boi, vai sendo atribuído à forma de mercadoria como valor, a ser fruído pelos consumidores. Reservadas as particularidades deste valor de uso da mercadoria brincadeira de Boi-Bumbá, já evidenciava Marx (2005, p. 13);

A utilidade é então a mais importante e indispensável qualidade da mercadoria. A utilidade, que se realiza no uso ou no consumo, confere à mercadoria o seu valor de uso. E é unicamente porque a mercadoria possui um valor de uso que adquire um valor de troca. Um produto absolutamente inútil não poderia se tornar permutável.

Ou seja, uma mercadoria é produzida para satisfazer uma necessidade, independente da origem dessa necessidade, observada por Marx (2013, p. 114) como podendo ser do “estômago” ou da “imaginação”. Ou seja, é necessário a um produto produzido ter utilidade, valor de uso, para ser mercadoria e, junto ao valor de uso, um valor de troca. Na tentativa de mediar o entendimento da materialidade destes dois valores da mercadoria, expressos na brincadeira de Boi-Bumbá, iniciamos resgatando que, ao ser apropriada pelos jovens católicos, a brincadeira já possuía um valor de uso e, ao ser vendida para a apreciação do público, lhe foi atribuído um valor de troca.

O valor de uso da brincadeira não se localiza na necessidade do “estômago”, objetiva, e sim na necessidade da “imaginação”, subjetiva, indissociáveis na materialidade da produção da vida. Brincar de Boi-Bumbá já se constituía enquanto costume daqueles trabalhadores, que fruía na brincadeira suas subjetividades; as dimensões idealísticas da fé, sobretudo no pagamento de promessas aos santos juninos, do festejar a colheita realizada e a chegada das cheias dos rios, trazendo fertilidade, dentre outras.

Ao restringir o brincar à apreciação visual de consumidores, esses jovens conferiram à brincadeira um valor de troca, que vai se expandir junto à expansão da mercadoria brincar de Boi-Bumbá, conforme previsto em *O Capital*. Ainda acerca do valor de troca, Marx (2013, p. 116) desvendou seu quantitativo, indicando estar diretamente relacionado à “quantidade de trabalho” necessário para a produção de tal mercadoria. Assim, compreendemos a valorização do Festival Folclórico enquanto mercadoria, que sintetiza em si um quantitativo/qualitativo cada vez maior de trabalho social.

Este trabalho foi cada vez mais dividido e especializado entre os trabalhadores. Apesar da incorporação destas características à produção, ainda na década de 1960 e, majoritariamente na de 1970, o trabalho de construção da apresentação ainda não era remunerado e ainda era realizado pelos brincantes em suas casas. O brincante G4 narrou que os homens se decidavam à construção de alegorias, ainda pequenas, mas cheias de surpresas impactantes aos espetadores.

As mulheres trabalhavam na idealização da apresentação, trabalho realizado pela brincante C2, na costura das fantasias, realizado pela brincante C3, na arrecadação de material reciclável e preparação das penas, no recolhimento das matérias primas da floresta e, na compra de outras mercadorias necessárias à construção da apresentação. Além disso, cozinhavam alimentos que eram vendidos nas ruas, como lembrou a brincante C4, trabalho realizado por um grande grupo de mulheres, “todas Caprichosas”, mencionou a brincante em alusão ao Boi-Caprichoso.

Ao final da década de 1970, os primeiros trabalhadores, homens, passaram a receber pelo trabalho realizado. Esse processo de profissionalização dos trabalhadores segue e se amplia nas décadas seguintes e as primeiras mulheres com trabalho pago foram as costureiras. Na apresentação do Festival, as mulheres trabalharam sem remuneração por longo período de tempo nas tribos indígenas ou desempenhando o papel denominado chefe das tribos, que, por influências dos noticiários que veiculavam as produções cinematográficas internacionais, passaram a ser produzidas numa versão americanizada, conforme narrou o brincante C7. Dos concursos de beleza, inseriram na brincadeira a Miss do Boi, de

início usando vestidos de palha, ou outras vestimentas, no sentido de se aproximar das competições de beleza (VALENTIN; CUNHA, 1998).

Com o estabelecimento de regras de apresentação para regimentar a disputa e assim ter parâmetro para delegar a mercadoria de melhor apreciação, foram estabelecidos os itens a serem julgados. De início, os itens Miss do Boi-Bumbá e tribos indígenas. O papel de Mãe Catirina, segundo registro imagético de Valentin e Cunha (1998), foi ocupado por homens em várias apresentações e não conseguimos aferir da memória dos entrevistados em que momento o papel da mulher negra, que deseja a língua do Boi, é substituído por um homem e, em que momento, é assumido novamente por mulheres nas versões atuais da brincadeira.

Na década de 1980, o Festival Folclórico de Parintins tinha ganhado dimensão regional e até nacional, como turismo e lazer. Sob a coordenação da Prefeitura Municipal de Parintins e no curso dessas transformações no interior do modo de produção, os Bois foram se adaptando e fundando as Associações Folclóricas Boi-Bumbá Caprichoso (s.d.) e Boi-Bumbá Garantido (1982). Assim, conforme o brincante C9:

O Boi não conseguiu pegar, driblar esses braços do capitalismo, dentro do próprio capitalismo [...]. Você pensa o quê? [...] existiram vários Bois na Cidade, porque que restou o Caprichoso e o Garantido? Não porque eles são os bonitões, não. Porque eles acompanharam as políticas econômicas da época, que foi criar o CNPJ e patrocinadores [...].

Essas contradições na produção de uma mercadoria local se esgotam ao final da década de 1980, se expandindo a partir de 1990, quando a responsabilidade pela realização do Festival é trasladada para o Governo do estado do Amazonas<sup>9</sup>, que abriu concessão para empresas gestarem o evento. Ademais disso, foi construído o Bumbódromo como local próprio para a realização do espetáculo e o capital internacional, como a Coca-cola e o Banco Bradesco, passou a deduzir seus impostos investindo no Festival, prática viabilizada pela legislação cultural (SILVA, 2015).

A quantidade e qualidade de trabalho social empregado para a produção da mercadoria espetáculo Festival Folclórico de Parintins, ao longo dos anos se constitui em ascensão, sem precedentes. Compondo essa mercadoria em expansão, a mulher é explorada desde a produção das alegorias, das músicas, trabalhando nos setores administrativos, jurídicos, de gestão, como item Galera, dentre outros e, em especial, como itens de apresentação.

Como itens da apresentação, a mulher constitui a totalidade de uma mercadoria consumida visualmente e seu trabalho agrega valor ao espetáculo de duas formas esteticamente distintas: uma mais vinculada à história da brincadeira e constituição da classe burguesa da Região e outra da mulher indígena, consubstanciando o Festival como um produto da Floresta, tipicamente amazônico e contribuindo para consumo por um público majoritariamente masculino (BRAGA, 2002).

Na primeira forma, localizamos a Mãe Catirina, personagem obrigatória na apresentação, mas que não pontua, e a Sinhazinha da Fazenda, filha do dono do Boi, o Amo do Boi, cuja estética e expressão corporal remete a uma classe burguesa proprietária de terras. Já na segunda forma, a mulher representante da estética indígena participa dos Itens Grupais: tribos indígenas e rituais e, em relevo, nos Itens

Individuais: cunhã-poranga (a mulher mais bela da tribo); rainha do folclore (representante de manifestações folclóricas regionais); e porta estandarte (carrega o estandarte do Boi).

Na busca pela formulação de algumas sínteses, ainda que pelas limitações muitas determinantes não tenham sido trazidas à baila, concordamos com Toledo (2004) quando afirma que há um universo de mediações que podem minimizar as condições de exploração e opressão da mulher trabalhadora na mercadoria Festival Folclórico de Parintins, como a igualdade de salários para mesmos trabalhos, os restaurantes e creches coletivas e subsidiadas pelo Estado, a divisão do trabalho doméstico com os homens que também usufruem do produto dele, políticas públicas de educação sexual, de regulamentação de direitos ao trabalho e em seu interior, dentre muitas outras.

Porém, amparadas na discussão fomentada por estes escritos, entendemos que a condição de exploração e opressão da mulher, desde uma perspectiva de classe, somente pode ser alterada com a extinção das próprias classes, de onde radica a divisão social do trabalho, bem como do capitalismo como sistema. Em outras palavras, esta extinção das classes implica a transformação no modo de produção social capitalista, no qual essa mulher trabalhadora se encontra inserida, que necessita da opressão e exploração da classe trabalhadora e, portanto, da mulher trabalhadora, para seguir produzindo e se reproduzindo enquanto classe dirigente, econômica e ideologicamente.

Com “[...] a superação da propriedade privada e a apropriação da vida humana, isto é, o regresso do homem à sua existência humana e social [...]”, fincados sobre um modo comunista da produção, é possível a esses homens e mulheres se apropriarem coletivamente de todos os bens produzidos sócio historicamente por meio de seus trabalhos, estruturais e superestruturais, dentre essas apropriações, os bens culturais e, quiçá, a brincadeira de Boi-Bumbá.

### ***Considerações finais***

No decorrer destes escritos, buscamos analisar o trabalho da mulher na brincadeira de Boi-Bumbá de Parintins. Para sua realização, foram feitos alguns recortes que delimitaram a não discussão de outras questões, não menos importantes, e que podem ser objetivadas em posteriores estudos.

O conducto do pensamento tracejado nos permite considerar que, no período histórico analisado, as relações de produção em Parintins são relações capitalistas de produção, portanto, obedecem a suas leis mais gerais e se materializam em particularidades locais. Neste contexto, o trabalho e o trabalho da mulher se constituem trabalho explorado.

No interior da produção da brincadeira de Boi-Bumbá, esse trabalho explorado se manifesta com particularidades. No período vizinho ao início da brincadeira, os trabalhadores/brincantes produziam e fruía da brincadeira, ou seja, trabalhavam e consumiam o produto de seu trabalho, coletivamente. No interior deste consumo da brincadeira pelos trabalhadores, as mulheres seguiam algumas delimitações de espaços e horários, demarcados pela opressão.

Com o desenvolvimento econômico local, impulsionador também do desenvolvimento da brincadeira, o brincar é expropriado dos trabalhadores e transformado em mercadoria, por meio do Festival Folclórico de Parintins. Assim, tem início e vai se aprofundando o processo de apropriação privada do produto desse trabalho, ainda realizado pelos trabalhadores, mas não mais consumido por eles e sim por espectadores.

Sujeita às leis mercadológicas de produção, constatamos a existência da exploração e, em particular, da opressão, ancorada nas peculiaridades de gênero, que confere às mulheres trabalhadoras, na brincadeira, tarefas aceitas socialmente por sua condição de mulher. Assim, para a produção da mercadoria Festival Folclórico, a exploração se materializa desde a construção do espetáculo até a sua apresentação para consumo dos espectadores. Na apresentação, os itens femininos constituem duas formas estéticas particulares no interior da totalidade da mercadoria a ser consumida: uma alusão à mulher negra e trabalhadora da fazenda e de sua Sinhá; e outra, representadas pela mulher indígena ou cabocla, que reforça a característica do Festival como uma mercadoria de turismo e lazer Amazônica; nas figuras da Cunhã-poranga, da Rainha do Folclore e da Porta Estandarte.

Por fim, entendida a mulher trabalhadora como ser prático e social, a entendemos também como parte dessa classe de sujeitos capazes de revolucionar o modo de produção capitalista. Além disso, a entendemos como capaz fundar outro modo de produção e outro mundo, sem classes sociais ou propriedade privada, e sim fundado na produção e consumo comunista de todos os bens produzidos sócio historicamente pela humanidade, inclusive em relação os bens culturais.

### **Referências:**

- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. Manaus: Editora Valer, 2009.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. *Os Bois-Bumbás de Parintins*. Rio de Janeiro: Funarte/Universidade do Amazonas, 2002.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- ENGELS, Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: *A dialética do trabalho*. Ricardo Antunes (org.). São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- MARX, Karl. *Crítica à filosofia de direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- ENGELS, Friedrich. Capítulo I- A mercadoria. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Tradução por Reginaldo Sant'anna. 31 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- ENGELS, Friedrich. *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- SAUNIER, Tonzinho. *Parintins: memória dos acontecimentos históricos*. Manaus: Editora Valer, 2003.

SILVA, Elizandra Garcia. *O modo de produção capitalista e o brincar de Boi-Bumbá*; Caprichoso e Garantido. 2015, 116 f. Tese de doutorado. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

SILVA, Elizandra Garcia; MOURÃO, Arminda Rachel. A construção da usina de Belo Monte e a urbanização dos indígenas xinguanos. *Revista PerCursos*, Florianópolis, v. 19, n.40, p. 12 - 38, maio/ago. 2018.

THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOLEDO, Cecilia. *Mulheres: o gênero nos une a classe nos divide*. São Paulo: Editora Xamã, 2001.

VALENTIN, Andreas; CUNHA, Paulo José. *Vermelho: um pessoal garantido*. Manaus: Zit Gráfica e Editora, 1998.

---

### **Notas:**

<sup>1</sup> Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense. Docente do Instituto de Educação Física da Universidade Federal Fluminense. Membro do Núcleo de Pesquisas e Estudos dos Esportes e do Lazer – NUPEEL - <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/10116> CV: <http://lattes.cnpq.br/1822479471813746> Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1580-156X> E-mail: [elizandragarcia@hotmail.com](mailto:elizandragarcia@hotmail.com)

<sup>2</sup> As grafias com iniciais maiúsculas se referem a objetos correlatos a brincadeira de Boi-Bumbá.

<sup>3</sup> Apesar de os entrevistados não terem precisado, se homens ou mulheres, pudemos observar em imagens da obra de Valentin e Cunha (1998) que, durante o histórico da brincadeira, muitas vezes a Mãe Catirina foi interpretada por homens.

<sup>4</sup> A brincante G2 relatou o “puxirum” como um formato de trocas de força de trabalho entre as famílias.

<sup>5</sup> Espécies da Região Norte (SAUNIER, 2003).

<sup>6</sup> Aproximadamente 60 mil habitantes (SILVA, 2015).

<sup>7</sup> Juventude Alegre Católica/JAC.

<sup>8</sup> Thompson (1998).

<sup>9</sup> C2 denominou de confisco pelo Estado.

Recebido em: 30.05.2020

Aceito em: 27.07.2020